

ECONOMIA – FEVEREIRO 2016

Economia Brasileira

O PIB encerrou 2015 com uma retração de 3,8%, o pior desempenho desde 1990. No quarto trimestre, a queda foi de 2,4% em relação ao terceiro trimestre de 2015 e, se comparado ao quarto trimestre de 2014, a contração foi de 5,9%. Os dados confirmam a trajetória de queda da economia brasileira, principalmente pela contração dos investimentos que representou apenas 18,2% do PIB, a menor parcela desde 2006. O nível de atividade também é reflexo da forte queda da confiança tanto do empresário quanto do consumidor e das incertezas prevalentes no cenário interno e externo. Atualmente a projeção do Focus para o PIB de 2016 é de queda de 3,5%.

Bolsa

O Ibovespa fechou o mês de fevereiro/16 com ganhos de 5,91%. No mês, o mercado local operou muito mais atrelado aos acontecimentos externos do que aos internos. Reflexo disso é a alta no índice em um mês com rebaixamento da nota soberana pela S&P e pela Moody's. A bolsa brasileira respondeu ao corte da taxa de compulsório da China e ao aumento dos preços das commodities, principalmente do petróleo e minério de ferro. As principais altas no mês foram CSNA3 (46,48%), RUMO3 (39,15%) e VALE3 (21,50%). No sentido oposto, os papéis responsáveis pelas maiores quedas foram CIEL3 (-8,44%), WEGE3 (-14,20%) e OIBR3 (-42,47%).

Cenário Externo

A inflação americana acumulada em 12 meses avançou 1,4%, a taxa mais alta desde Outubro/2014, sendo sinal de que os preços podem estar respondendo apesar do dólar continuar forte e do preço do petróleo estar em queda. A partir das leituras mais positivas dos índices de inflação, o mercado não aposta em uma elevação de juros na próxima reunião do FED. Em linha, a China cortou em 0,5% o depósito compulsório, com o objetivo de estimular a sua economia. A Moody's colocou a nota de risco de crédito chinesa em perspectiva negativa, devido a deterioração da dívida e do questionamento da capacidade do governo em conduzir reformas necessárias.

Política Monetária

Em sua última reunião, o COPOM decidiu manter a taxa de juros em 14,25%. O comunicado desta reunião praticamente repete os argumentos da anterior de que foram levados em conta para a decisão o cenário macroeconômico, as perspectivas para a inflação e o atual balanço de riscos. A decisão do Copom reforça o quadro de estabilidade da atual taxa por período prolongado, sem espaço para cortes. No entanto, os principais agentes econômicos especulam uma queda nos juros já no segundo semestre. Os futuros de DI com vencimento jul/16 e jan/17 são negociados abaixo do nível da atual SELIC, ou seja, para o mercado já está no preço um corte de juros em 2016.